

«NUNCA VIMOS COISA IGUAL!» (Mc 2,12)**LIÇÃO - 2**

«Agora a minha alma está perturbada» (Jo 12,27)

por Pierluigi Banna*

Também Jesus, naquela noite, sentia tristeza, medo, angústia: os mesmos sentimentos dos seus discípulos. Diz: «Agora a minha alma está perturbada!». Mas ele, ao contrário dos seus discípulos, não fugiu, fustigado pela vaga destes sentimentos; ficou como um bloco de gelo, com um grande auto-controlo, impassível perante a sua morte iminente. Reconheceu e viveu com razões profundas os seus sentimentos de homem. O medo e a angústia abriram o seu coração de homem e não ficou bloqueado pela ditadura dos sentimentos.

Não fugiu. Porquê? Antes de mais, porque Ele, o maior de todos – o Mestre – não teve medo de reconhecer os seus sentimentos, a sua tristeza infinita. Por isso, a *primeira condição* para não nos deixarmos escravizar pelos sentimentos é reconhecê-los, acolhê-los: são a coisa mais humana que tenho, são a expressão da minha humanidade; alargam o meu coração e a minha razão, escancaram toda a minha necessidade. Como é humano o meu sentimento! Quer eu esteja irritado, aborrecido, triste ou exaltado, reconheço-o, não tenho vergonha de o dizer. Isto é verdadeiramente de homem. Também o meu cão tem sentimentos. Quando me vê, percebe-se que está feliz: abana a cauda, vem ao meu encontro, salta; quando fecho a porta e não o levo comigo, faz uns olhinhos desconsolados. Eu acredito que o meu cão tem sentimentos, mas “coincide” com os seus sentimentos. O meu cão é o sentimento que experimenta; não pode dizer: «Ah, hoje estou triste, como é humano o meu sentimento!», porque é um cão! Mas nós sim, nós podemos dizer a um amigo ou a nós mesmos: «Hoje estou triste» e assim começamos a não nos deixarmos dominar por este sentimento. Este é o primeiro passo.

Dom Giussani tinha uma profunda estima pelos sentimentos que colocam o coração do homem em movimento, não lhe permitindo reduzir-se à sua instintividade, nem a um mecanismo frio e insensível. Conta num livro seu de quando foi à festa de final de ano de uma turma que ensinava; a certa altura, os jovens começaram a dançar. Vê aquela mais gordinha que dança bem; vê aqueles corpos que habitualmente estavam quietos atrás das carteiras girarem sobre si próprios, rodarem uns com os outros. Uma dança à anos setenta. Conta como era bonito vê-los girar e rodar sobre si mesmos, mas a certo ponto, já no fim da noite, fâ-los parar e diz-lhes que, voltando para casa, como depois de todas as noites em que se vai dançar, uma sombra iria descer sobre eles, um sentimento de tristeza, uma tristeza que sobe devagarinho, que nos aperta como uma corrente e da qual só nos libertamos adormecendo; mas na manhã seguinte, ou noutros momentos do dia, aquela tristeza voltará. E conclui: «A tristeza é o sinal da grandeza do homem»¹. »

* Lição no Tríduo Pascal dos Liceus, Rimini, 14 de abril de 2017.

¹ Cf. L. Giussani, *Avvenimento di libertà*, Marietti 1820, Génova 2002, pp. 70-71.

» O primeiro passo é, por isso, reconhecer o quão humana é esta tristeza. Dom Giussani conta um episódio que nos faz compreender toda a estima que tinha pelo sentimento humano. Como é humana esta tristeza da qual nasceu a filosofia, que distingue o homem do animal! Como é humano o nosso sentimento: a raiva, o tédio, a ansiedade, tudo, tudo o que é humano deve ser reconhecido, aceite. Seria desumano fingir que não existe, censurá-lo – como dizíamos ontem à noite – com aquela pouca ternura que tantas vezes sentimos por nós mesmos.

Procuramos identificar-nos com os pensamentos de Jesus naquela noite. Não tem medo de reconhecer e de olhar de frente para este seu sentimento. Vamos pôr-nos de pé e ouvir o que Ele diz naquela noite de profunda tristeza e angústia.

«Foram em seguida para o lugar chamado Getsémani, e Jesus disse aos seus discípulos: “Sentai-vos aqui enquanto vou orar”. Levou consigo a Pedro, Tiago e João; e começou a ter pavor e a angustiar-se. Disse-lhes: “A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai”. Adiantando-se alguns passos, prostrou-se com a face por terra e orava que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. E dizia: “Aba, ó Pai! Tudo te é possível; afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que eu quero, mas o que tu queres”» (Mc 14, 32-36).

Permanecemos de pé e ouvimos o canto que repete as mesmas palavras de Jesus (na p. 32 do Livreto).** *Tristis est anima mea*. «A minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e vigiai comigo. Agora irão ver uma multidão que me irá rodear. Vós fugireis e eu irei imolar-me por vós. / Eis que se aproxima a hora e o Filho do homem será entregue nas mãos dos pecadores».

Tristis est anima mea

«Vós fugireis, devido à vaga das vossa próprias emoções; eu, porém, devido a essas mesmas emoções, fico e vou imolar-me por vós». Por que é que Cristo não foge? Porque a sua tristeza abriu o seu coração até se unir ao Único que estava à altura daquele sentimento: o seu Pai. O seu sentimento, acolhido e levado a sério, levou-o a gritar, a pedir ao Pai: «Tudo te é possível! Contudo, não se faça o que eu quero, mas o que tu queres». Por isso «A emoção não [...] é negativa», mas «tens de a “registar”, tens de [...] utilizá-la para o objetivo que ela te pode fazer alcançar, para aquela capacidade de relação afetiva que pode ser vivida» (L. Giussani, p. 31). Aquela tristeza serviu a Cristo para redescobrir a Sua relação com o Pai, empenhando tudo naquela relação que O constituía.

Este é o ponto, o ponto chave de hoje, rapaziada! Todos os nossos sentimentos – todos, sem excluir nenhum – podem ser úteis, uma vez levados a sério, para descobrir o que existe de verdadeiro na vida. Olhando para Cristo, podemos compreender que existe um caminho para olharmos de frente todos os nossos sentimentos, sem nos submetermos a eles. Uma vez acolhidos, *todos os sentimentos podem tornar-se o caminho para reconhecer e para nos afeiçoarmos àquilo que existe de verdadeiro na vida*. É possível olhar para qualquer emoção porque todas as emoções – como disse de forma inteligente Lady Gaga na sua canção *Million reasons* (p. 31) – que te levariam a fugir duma relação, todas as dúvidas que te surgem, toda a tristeza que te assalta, servem para encontrar «uma boa razão para ficar», para ver se existe uma boa razão para se afeiçoar. Todas as dúvidas, todas as incertezas, se não nos detivermos nelas, podem ser a estrada, *primeiro*, para nos darmos conta do quanto somos humanos e, *segundo*, para descobrir aquilo que é verdadeiro na nossa vida. Todos os sentimentos, em vez de nos confundirem e sem que nós tentemos evitá-los, se tornam estrada. »

** O livreto «*Nunca vimos coisa igual!*» inclui textos citados ao longo do Tríduo Pascal e pode ser [descarregado no formato PDF](#).

» Para me fazer entender, dou um exemplo presente n' *O sentido religioso*² de Dom Giussani. Eu vejo uma bela montanha, e então para vê-la melhor, pego nuns binóculos. Assim que olho, vejo tudo desfocado porque, evidentemente, as lentes não estão focadas. Dom Giussani diz: as nossas emoções são como lentes que não estão focadas. Qual é a nossa tentação? Dizer: «Estava enganado, a montanha é feia», deitar fora os binóculos e ir embora. Pelo contrário, a coisa mais bonita da vida, a coisa que é mais de homem, é reconhecer, acima de tudo: «Oh, os binóculos não estão focados», e depois ajustar as lentes – que servem para nos fazer ver melhor os objetos distantes – e dizer: «Mas que bela montanha!». Para isto servem as emoções, mas devem estar focadas para olhar para aquilo que é verdadeiro para a minha vida, aquilo que é nobre, aquilo que resiste verdadeiramente no tempo!

Muitas vezes, encontramos-nos diante de sentimentos que parecem desfocados, só vemos o medo e a tristeza, a alegria ou o entusiasmo, por isso fugimos ou tentamos ficar impassíveis. A tentação mais forte é de nos determos naquilo que experimentamos, dizendo que tudo é belo ou tudo é feio. Em vez disso, qualquer que seja o sentimento que focamos, tens de entender como é que a tristeza, o tédio, a ansiedade, a alegria, a surpresa, te são úteis para olhar melhor para a realidade, para descobrir melhor o que é verdadeiro, para te afeiçoares ao que é belo. Numa palavra, tens de os focar.

A emoção é preciosa porque representa a primeira reação diante daquilo que acontece, mas este estado de alma não é um fim em si mesmo. Serve para te pôr em movimento o coração, e aqueles critérios que trazes contigo e que te permitem dizer: «Isto sim, é belo, verdadeiro, bom, justo!». O coração diz: «Assim está desfocado, assim está um pouco melhor, assim vê-se bem»; e então pode ajuizar: «Esta tristeza é boa, porque me impele a ligar-me àquilo que importa; esta outra tristeza, pelo contrário, é uma mentira, porque me faz duvidar de uma coisa verdadeira! Este entusiasmo é falso, porque segui-lo deixa-me sempre cada vez mais só; pelo contrário, este outro entusiasmo é verdadeiro, porque é por alguém que me abraça também quando estou triste». Só com a emoção, podemos confundir-nos, mas com a emoção unida ao coração, não; o coração não se engana, diz Dostoievski (*Lettere sulla creatività* a p. 31), porque o coração vai procurar aquilo que resiste, aquilo que dura, aquilo que é belo, aquilo que não engana. Com o coração, reconheces o que colmata o abismo aberto pela tua emoção e o que, pelo contrário, te deixa cada vez mais só e com medo (cf. Emily Dickinson, p. 32).

Então, é preciso medir as emoções, como fez Cristo naquela noite, com o coração. Porque a emoção pode confundir-se, mas o coração não. Por exemplo, depois de um belo serão juntos, a minha namorada convida-me para tomar uma bebida e fumar alguma coisa: é tão bonito, é tão rico, é tão arrebatador! Mas eu sinto uma estima imensa por cada um de vocês para não poder deixar de pensar que todos vocês se dariam conta de que é uma forma de querer-se bem, de estar com a namorada, que segue a emoção e depois deixa nas mãos a terra queimada; e que existe uma outra forma de dar fogo àquele entusiasmo, de lhe dar um crédito que, pelo contrário, não queima tudo, não estraga tudo, mas o faz durar. Esta é a emoção medida com o coração. Assim, mesmo durante a entrada no salão, acontece-me falar com um colega meu e pensar: «Eh, tenho vontade de falar, o que posso fazer?». Podes reconhecer a tua dificuldade, a tua distração e perguntar-te: «Mas por que é que eu estou aqui?» «Estou aqui porque espero alguma coisa para a minha vida; então, foco-me na distração e, em vez de distrair também o meu amigo, contenho as palavras e digo-me: «Bolas, eu estou aqui para esperar algo de grande». Ou posso seguir a onda da emoção e pôr-me a falar, esquecendo-me de por que é que vim aqui.

Então, como é que compreendes que o teu sentimento está verdadeiramente focado que »

² Cf. L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2008, p. 45ss.

» não estás a afogar-te entre as vagas das tuas emoções? Do facto de que aquele sentimento, focado, te faz respirar, te faz afeiçoar, te faz deixar de rodar no vazio; o sentimento torna-se energia nova que te faz meter a mudança e te faz afeiçoar àquilo que é verdadeiro no caminho da vida; faz-te viver, não te faz ser escravo! Tornas-te patrão da tua vida.

Descreve-o – muito melhor do que eu estou a tentar fazê-lo – uma jovem que enviou um contributo impressionante. «Exatamente há um ano, quando estava no Tríduo, comecei a ter problemas de saúde, tinha um terror de ser abandonada que me impedia de estar com as pessoas e condicionava todos os meus comportamentos. Procurava uma forma de combater a minha condição e zangava-me, porque não compreendia o motivo de uma dor tão grande, por que razão me acontecia logo a mim. Tinha uma grande vontade de viver e de me atirar para as coisas que fazia, mas estava inevitavelmente limitada». Estão a ver? Justamente, diante da doença, a nossa amiga é tomada pelas emoções: a raiva, o medo de ser abandonada, o não entender, a incompreensão. Mas depois continua – escutem a voz do seu coração –: «Tudo se tinha tornado pedido de plenitude, cada relação gritava liberdade. Naquele ponto, assumi a posição mais sincera: reconheci-me necessitada de Alguém a quem poder confiar toda a minha miséria». Entenderam? Aquela emoção, se não fosse medida com o coração, tê-la-ia levado a dizer: «A minha vida é uma porcaria», a atirar-se ao chão e dizer: «Sou uma infeliz». Pelo contrário, foi precisamente aquela condição, medida com o coração, que lhe fez surgir uma vontade de viver e um pedido único. Eu invejo esta amiga pelo sentimento de vida que tem. Não vejo a hora de ter cada vez mais amigos como ela, que olham assim para as suas emoções. A ponto de chegarem a pedir: «Quero carregá-la, esta cruz, mas sozinha não sou capaz. Dá-me a coragem de poder estar diante da minha ferida». Talvez ela nem se tenha dado conta de ter repetido as mesmas palavras de Jesus quando estava para morrer. «Pai, sei que tudo te é possível, mas não se faça o que eu quero, mas o que tu queres» (cf. Mc 14,36).

Quando uma pessoa encara assim a raiva, o tédio, a incompreensão, que humanidade, que capacidade de letícia, que plenitude de vida daí emergem!

Esta nossa amiga, como Cristo, compreendeu que todos os sentimentos, medidos com o coração, podem ser a ocasião para escancarar a vida, para descobrir aquilo que é verdadeiro, aquilo que permanece, aquilo que verdadeiramente inflama. Cristo compreende que todos os seus sentimentos de homem (tristeza, angústia, medo) não se podem perder, não se pode fugir deles, mas são postos em ordem, focados, na “boa razão” pela qual deu a vida: a Sua relação com o Pai, que nunca O tinha traído: «Não o que eu quero, mas o que tu queres». Se se tivesse detido na superfície da sua reação, teria fugido, como fizeram os discípulos. Em vez disso, não ignorou a sua emoção, mas entendeu que esta humana tristeza e este medo da morte escancaravam o Seu coração, serviam para redescobrir e reafirmar a Sua relação com o Pai, aquilo que o tinha mantido de pé por toda a sua vida.